

EDITORIAL

Nestes primeiros anos do milênio, em que os povos do planeta estão submissos ao imenso poder bélico de uma única nação, que impõe seus princípios econômicos, sua cultura e seus valores... num contexto de crise mundial, em que crescem assustadoramente as diferenças socioeconômicas entre as minorias ricas e enormes contingentes populacionais excluídos da vida com dignidade, é imprescindível aprofundar a reflexão sobre possíveis formas de resistência. Uma delas está ao alcance de todos nós, e pode ser viabilizada por meio de ações concretas, cotidianas, comprometidas com políticas sociais geradoras de melhor qualidade de vida. A isso chamamos de cidadania. Mas, para que a semente da cidadania possa germinar no coração das pessoas, é fundamental haver uma crescente sensibilização dos atores envolvidos diretamente nesse processo.

O estudo, a meditação, a reflexão, a oração pessoal e as celebrações comunitárias têm encontrado na Bíblia um instrumento cada vez mais importante, dando provas inequívocas de que ela ajuda bastante nesse processo de sensibilização, uma vez que sua tarefa consiste justamente em preparar o coração humano, isto é, o mais íntimo de sua vontade, para atitudes que respeitem e promovam a vida, em todas as esferas: pessoal, interpessoal, familiar, comunitária e social.

Este número da Revista Estudos Bíblicos, escrito por nordestinos de nascimento e de coração (isso se aplica a José Flávio e, sobretudo, a José Comblin, no auge de sua sabedoria octogenária), tem como objetivo ampliar a consciência de que há (e deve haver) uma relação profunda entre Bíblia e cidadania. Enquanto fortalece a fé, a Bíblia anima a pessoa a se manter conectada à dinâmica da vida que brota de Deus, por meio de ações geradoras do bem comum (cidadania). A leitura da Bíblia, nessa perspectiva, potencializa uma prática de amor consciente em prol da vida, além de contribuir como excelente testemunho de fé no Deus da Vida.

João Luiz, biblista, professor da Unicap, assessor do Cebi em Pernambuco, faz uma incursão no Primeiro e no Segundo Testamentos da Bíblia, com o intuito de mostrar que a fé no Deus da Bíblia nos leva a participar do projeto da criação como co-responsáveis. Nessa perspectiva, é possível afirmar a concepção de uma fé cidadã, capaz de transformar um não-povo em povo participativo, consciente e atuante. Um povo constituído de pessoas cidadãs, povo do Deus da Vida, testemunho para todas as gerações de que isso é possível (luz para as nações). Assim, defende o autor em seu artigo, a fé permite fortalecer a prática de quem quer exercer a cidadania ativa, na perspectiva da construção do projeto de Deus no aqui e agora da realidade humana.

Assim, nesse horizonte de reflexão, Frei Anízio, biblista, da Ordem dos Frades Menores, professor do IFTO – Instituto Franciscano de Teologia de Olinda, enfoca o

profeta Oséias como profeta do amor e da esperança, em um contexto em que em Israel (Reino do Norte) grassava a corrupção moral, social e religiosa. Oséias denuncia tal situação e anuncia novos valores de vida fundamentados no direito, na justiça, na fidelidade e no amor, convidando o povo à conversão. Na medida em que o povo persistir na infidelidade ao Deus vivo e libertador, estará vulnerável ao poder destruidor da Assíria. Uma religião a serviço do estado, como era na realeza de Israel, não leva o povo ao verdadeiro conhecimento de Deus. Neste contexto, finalmente, Israel é, definitivamente, devastado pela Assíria. Em uma detalhada análise do capítulo 11 de Oséias, Anízio Freire aprofunda estes aspectos.

Paulo Valério, biblista, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, professor da Unicap e do IFTO, faz uma análise exegético-teológica do Dia do Senhor, que constitui o núcleo da mensagem de Sofonias. A partir da análise do contexto histórico em que o profeta exerce seu ministério pode-se entender o porquê da ausência do messianismo no texto, bem como de referências à aliança. A luz do Dia do Senhor provoca medo e terror naqueles que vivem nas trevas e têm medo da luz. Porém a esperança de que a noite dos homens começa a amanhecer está no resto humilde e pobre, que buscará apoio no nome do Senhor (Sf 3,12).

Artur Peregrino (José Artur Tavares de Brito), antropólogo e biblista, participante do Movimento de Peregrinos e Peregrinas do Nordeste, pastoralista e professor da Unicap, apresenta Judite, mãe e profetisa, em defesa da cidade. O livro de Judite mostra uma mulher como modelo de luta pela libertação. Uma análise do contexto histórico, com seus aspectos econômico, político, social e ideológico, no período pós-exílico, provavelmente durante a guerra dos Macabeus, favorece a compreensão do enredo do livro de Judite, particularmente o caráter que tem de profecia. Por meio de uma leitura hermenêutica, Artur apresenta três elementos importantes: resgata a experiência libertadora de Antônio Conselheiro em Canudos, aponta o fundamentalismo terrorista do império norte-americano e destaca a atuação todo-amorosa das mulheres, no terceiro milênio.

José Raimundo, biblista, assessor do Cebi em Pernambuco, faz uma análise da abrangência dos compromissos de cidadania, a partir da concepção do batismo em Paulo e nos Evangelhos. A pregação paulina, que produziu os primeiros textos que compõem o evangelho canônico, é fundada no caráter messiânico ou cristológico de Jesus, limitando-se aos aspectos da sua morte e ressurreição gloriosa. O batismo também é visto sob este aspecto: é o morrer com Cristo para viver como ressuscitado. É nessa perspectiva que o evangelho de Marcos se inicia com o batismo ministrado por João, e termina com o túmulo vazio e o anúncio do anjo para a retomada da missão na Galiléia. O batismo, inaugurado por João, tem o sentido da conversão à prática da justiça, o que leva à superação dos pecados. Nas exortações paulinas, a memória do Cristo, morto e ressuscitado, é o elemento fundante para estimular os cristãos ao bom convívio comunitário. Nos evangelhos, a memória de Jesus de Nazaré, a partir do batismo de João, é fonte de uma prática cidadã mais abrangente.

José Comblin, um dos nomes mais conhecidos da teologia latino-americana, aborda a questão do exercício da cidadania na contradição entre a incondicional obediência à lei e a prática da liberdade. Comblin lembra que, segundo a teologia paulina, Jesus – por sua morte – destruiu o regime da lei e, pelo dom do Espírito, somos todos chamados a viver na liberdade de filhos e filhas de Deus, para além dos limites da lei. Ao longo da história, tanto na esfera religiosa cristã como na esfera civil, são constatadas experiências populares em busca da liberdade, que se confrontam e são reprimidas por instituições que, em nome da lei, as submetem. A busca da liberdade, porém, nunca parou; nessa perspectiva, a cidadania não é uma situação estabelecida, mas uma luta incessante. Estar ao lado dos pobres e dos excluídos, na luta pela libertação das leis opressoras, é o nosso compromisso constante de discípulos e discípulas do Jesus Libertador.

José Flávio, biblista, assessor de Movimentos Sociais (Cebi), apresenta artigo sobre “Ambição e ética cristã”. A partir da mais pobre das ambições egoísticas, que é ganhar muito dinheiro (aspecto econômico), desenvolve seu pensamento destacando as responsabilidades de todos nós cristãos e as conseqüências ao priorizarmos a ambição à ética cristã (problema teológico), apontando como único caminho de superação dessa lógica que exclui e mata o deixar-se levar pelo Deus de Jesus Cristo para construirmos um mundo novo possível.

Sérgio, teólogo, professor da Unicap e do IFTO, destaca a importância de se buscar uma cultura que desperte a memória dos valores bíblicos, na construção da cidadania, algo simultâneo à construção da liberdade. No Antigo Testamento, a cultura da memória da Aliança de Deus com seu povo é um elemento fundamental para invocar sua fidelidade. O cristianismo bíblico também buscou sólidos fundamentos na memória da eucaristia, memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus, que é promessa de liberdade para todos. Hoje, o grito dos que sofrem denuncia a mentira de todo e qualquer sistema ou religião que os nega, tentando escondê-los em um processo cultural massificante de amnésia coletiva. A imaginação de liberdade futura alimenta-se da memória do sofrimento. As igrejas são portadoras da memória perigosa de Jesus de Nazaré, memória esta que nos provoca ao risco de apostar na liberdade e envolver-nos na construção da cidadania.

*José Raimundo Oliva
João Luiz Correia Júnior*